



A contribuição do gênero conto para a formação de leitores no processo da escrita

The contribution of the genre tale to the formation of readers in the writing process

Francielly da Silva Oliveira⁽¹⁾; Inalda Maria Duarte de Freitas⁽²⁾

⁽¹⁾Aluna do curso de Especialização *Latu-Senso* em Linguagem pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Arapiraca, Alagoas; E-mail: francy.ely@hotmail.com;

⁽²⁾Professora Dra. em Ciências da Educação revalidado pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; E-mail: inalda1150@hotmail.com

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 25 de novembro de 2018; Aceito em: 18 de abril de 2019; publicado em 19 de 05 de 2019. Copyright© Autor, 2019.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar as contribuições do gênero textual conto para a formação de leitores na escola, bem como no processo de desenvolvimento da escrita. Visto que, esse gênero literário abre espaço para que os discentes deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade e possivelmente o senso crítico. Nessa perspectiva, os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do polo de Arapiraca, juntamente com um supervisor desse programa do município e a coordenação da escola consideraram a possibilidade de utilizar uma obra literária em sala de aula, já que alunos estão na fase de transição da infância para a adolescência. E, devido a essas mudanças, leitura de contos podem ajudá-los a passar por essa fase, pois apresenta situações possíveis, ainda que fictícias. Além de auxiliar no processo de ensino, focalizando na ampliação de aprendizagem de Língua Portuguesa, desde a oralidade, quanto da argumentação, principalmente, a leitura e à escrita, promovendo uma interação necessária para que o desenvolvimento ocorra. Logo, como procedimento metodológico realizou-se um levantamento bibliográfico acerca do gênero conto, especificamente da obra Alice no país as maravilhas através de uma abordagem qualitativa tendo como técnica a observação participativa e a análise de textos produzidos por uma turma de 8º ano. Para desenvolvimento desse trabalho, o projeto foi ancorado nas teorias de Carroll (2002), Marcuschi (2002), o dialogismo em Bakhtin (1997), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Textual, Conto, Produção Textual.

ABSTRACT: This article aims to present the contributions of the textual genre tale for the formation of readers in the school, as well as in the process of writing development. Since, this literary genre opens space for students to let the imaginary flow and arouse curiosity and possibly critical sense. In this perspective, the scholarship recipients of the Arapiraca Institution Scholarship Program (PIBID), together with a supervisor of this municipality program and school coordination, considered the possibility of using a literary work in the classroom, since students are in the transition phase from childhood to adolescence. And, because of these changes, reading stories can help them get through this phase because it presents possible situations, albeit fictitious. In addition to assisting in the teaching process, focusing on the expansion of Portuguese language learning, from orality, as well as argumentation, mainly reading and writing, promoting a necessary interaction for development to occur. Therefore, as a methodological procedure, a bibliographical survey was carried out on the genus tale, specifically on the work Alice in the country, the wonders through a qualitative approach having as a technique the participatory observation and the analysis of texts produced by a group of 8th year. For the development of this work, the project was anchored in the theories of Carroll (2002), Marcuschi (2002), dialogism in Bakhtin (1997), among others.

KEYWORDS: Textual Genre, Short Story, Textual Production.

INTRODUÇÃO

Atualmente, um dos grandes desafios dos docentes de língua portuguesa é tornar alunos leitores capazes não apenas de compreender, mas também de usar a língua em distintas situações, podendo ser elas orais ou escritas. Partindo desse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) propõem que o estudo da língua tenha como base o texto e um contexto para que a aprendizagem seja, realmente, satisfatória e não de forma mecânica.

No que diz respeito ao trabalho com textos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 26) dizem que “o texto se organiza dentro de um determinado gênero”. Logo, cada enunciado utilizado em interações sócio comunicativas está inserido em algum gênero discursivo. Portanto, como nos diz Marcuschi (2002),

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (MARCUSCHI, 2002, p. 19-36).

A partir das indagações realizadas acima, vê-se que os gêneros textuais estão contidos na vida diária e não há comunicação a não ser por algum tipo de gênero textual.

Assim sendo, a presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância de se trabalhar com o gênero textual conto em sala de aula na educação básica, auxiliando na formação de leitores, bem como no processo de desenvolvimento da escrita. Visto que, ele é um texto do gênero literário marcado pela narrativa curta. Porém, mesmo sendo pequeno, ele possui um enredo completo, e até um clímax, quando acontece o momento mais importante da história, além de possuir menor complexidade em relação aos romances.

Dessa maneira, é indispensável aos professores de língua portuguesa a dinamização de suas aulas acerca do gênero conto, fomentando o processo metodológico de ensino e de aprendizagem dos alunos. Proporcionando um conhecimento amplo e diversificado sobre diversos assuntos, intensificando o processo de elaboração de seus conceitos e de sua visão de mundo e, ocasionando, possivelmente, um bom rendimento escolar.

GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA

Os estudos acerca dos gêneros textuais advieram desde a Retórica Antiga, não é algo novo, com ênfase nas classificações tradicionais da literatura, desde Platão. Mas, vêm sendo considerado como referência para a pesquisa até os dias atuais. Tendo destaque nas reflexões de muitos estudiosos, dentre eles, Mikhail Bakhtin (1997).

Antes deste pesquisador, os estudos se concentravam na área da retórica, gramática e literatura sem, no entanto, a devida preocupação com a “natureza lingüística do enunciado” (BAKHTIN, 2000, p.280). Além dele, podem ser destacados como colaboradores nos estudos sobre gêneros: Schneuwly e Dolz (1999), Marcuschi (2002), Rojo (2002), entre outros.

Atualmente, os gêneros textuais têm sido uma área muito discutida no contexto escolar, pois podem ser considerados como uma importante ferramenta didática para o ensino de língua materna. Como afirma Bakhtin (2000, p.279) “a utilização da língua se dá através de enunciados pertencentes a uma esfera da atividade humana e que refletem os objetivos comunicativos dessas esferas, os gêneros são os tipos, as formas como os enunciados são utilizados”. Os gêneros estão inseridos no cotidiano dos sujeitos falantes, pois são utilizados para a comunicação tanto escrita quanto na verbal. Nessa perspectiva, passam-se a ser também percebidos enquanto usuários de uma língua/gem.

Acerca desse pensamento Marcuschi (2005, p. 30) também afirma que: “Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Logo, os gêneros podem variar de uma sociedade para outra, de um contexto histórico para outro, como também são capazes de surgir, modificar-se e desaparecer. A exemplo disso, têm-se o gênero carta gênero carta física que praticamente está sendo substituída pela carta eletrônica. Assim, pode-se perceber que os gêneros estão contidos no cotidiano, embora muitas vezes não se visualize.

Desse modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1998) propõem a utilização dos gêneros textuais como objeto de ensino para a prática de leitura, tal como para a de produção, defendendo-o como um forte dispositivo no processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa.

Além disso, as Diretrizes Estaduais (DCE's) preconizam (2008, p.56):

Compreende a leitura como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem.

Acerca desse pensamento, os gêneros tornam-se um apoio fundamental ao professor em sala de aula, uma vez que eles permitem aos discentes a efetiva aprendizagem de conteúdos de modo integrado. Como nos diz Bakhtin (1999),

A verdadeira substância da língua, não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1999, p. 123)

Conforme se percebe, Bakhtin constrói uma reflexão sobre a natureza da linguagem a partir de um viés sociológico. Em que a apreensão da língua materna dá-se, pois, pela interação, pela recepção ativa e interiorização da palavra do outro. As noções bakhtinianas de dialogismo levam-nos a uma reflexão acerca do sentido de “interação verbal”. Pois, para Bakhtin, “interação verbal” significa mais do que uma conversa e troca de conhecimentos entre indivíduos.

A partir disso, percebe-se a importância da escola e o papel do professor dentro do contexto educacional juntamente com a sociedade. Pois, o ser humano se apropria da língua desde a infância para se comunicar socialmente, e ele vai alargando esse conhecimento sobre o conceito e funcionamento da língua na escola, bem como na comunidade que ele está inserido.

O CONTO ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Diante da discussão acerca dos gêneros textuais, cabe uma ressalva ao gênero conto, visto que o mesmo foi escolhido como objeto de estudo. Em uma breve explicação buscaremos tornar mais claro ao leitor o que é de fato esse gênero.

O conto é um texto narrativo que está presente no acervo literário infanto-juvenil e apresenta algumas características, tais como: reduzido número de personagens; concentração do espaço e do tempo, ação simples e decorrendo de forma mais ou menos linear. Visto que, como aborda Tavares (1981) o conto é um texto de narrativa breve e, assim como os romances e as novelas, permite a abordagem de vários assuntos.

Além disso, conforme GOTLIB (1990, p. 12)

o conto não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não tem limites precisos. [...] A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo.

Dessa maneira, vale frisar que a leitura e a literatura precisam estar presentes no cotidiano pessoal e escolar do aluno para uma melhor visão de mundo e o desdobramento de suas capacidades efetivas e intelectuais, no que se refere aos adolescentes, especificamente.

Nessa perspectiva, as leituras de obras infanto-juvenil podem auxiliar no processo de amadurecimento emocional e social do jovem, pois como relata Gregorin Filho (2011, p. 41) é uma leitura que “se apresenta como uma representação social, um ideal das sociedades, e abarca uma intrincada rede de valores”.

Pensando nisso, o livro *Alice no país das maravilhas* foi o escolhido para se trabalhar em turma do 8º ano do ensino fundamental II, composta por 39 alunos com a faixa etária entre 13 e 11 anos. Já que, a obra retrata sobre uma menina, Alice, que sai do seu mundo real para um mundo desconhecido¹. A qual, movida pela curiosidade, corre atrás de um coelho e acaba caindo em um poço e chega ao um jardim encantado cheio de animais falantes, um verdadeiro país das maravilhas, em que vive uma aventura intrigante e fantástica.

Logo, *Alice no País das Maravilhas*², além de ser um livro atraente para ser lido, também possui vários significados no texto que podem e devem ser estudados. Tendo assim, jogos de linguagem que remetem a uma reflexão mais profunda acerca do que o autor deseja passar para o leitor.

Leituras como essa devem ser lidas principalmente pelos adolescentes, uma vez que os jovens, nessa fase começam a elaborar, expor ideias e conceitos próprios. Nesse viés, Talamoni (2008) corrobora com esse dizer ao falar que,

Na pré-adolescência, há um desejo de entender melhor a si próprio e as transformações que ocorrem na transição da infância para a adolescência. Histórias que espelhem esses interesses, com um narrador próximo à

¹ É possível analisar, nesse conto, pelo viés da interpretação dos sonhos o conceito de inconsciente da teoria psicanalítica, uma vez que o sonho corresponde a um dos fenômenos que constituem as formações do inconsciente. Assim, percebe-se que na Psicologia há estudos que mencionam o mundo real *versus* o mundo fictício.

² CARROLL, Lewis. *As aventuras de Alice no país das maravilhas*. Introdução e notas Martin Gardner. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. O livro *Alice no País das Maravilhas* pode ser mencionado no artigo pela sigla APM.

realidade do leito e que o faça refletir sobre o mundo, ajudam a assimilar mudanças (TALAMONI, 2008, p.11).

A obra citada valoriza a fantasia, a imaginação e a criatividade, possuindo diversas interpretações acerca de várias temáticas. Dentre várias análises do estudo, percebe-se que a mudança de estatura de Alice pode ser compreendida como uma metáfora, ou seja, o momento de transição da fase de criança para a adolescência, ocorrendo assim a puberdade. E por seus questionamentos acerca da sua personalidade, quando Alice relata “Afinal de contas, quem sou eu? Ah, este é o grande enigma!” (CARROLL, 2002, p.21).

Assim, observam-se vários momentos, desde o ritual por meio da passagem da protagonista no túnel (do mundo real para o desconhecido), até o físico pelas mudanças de tamanho e os questionamentos no decorrer da narrativa. A partir desse contexto, vê-se que essa história pode ser assimilada em diferentes culturas e leitores.

E embora o livro seja direcionado para criança e jovens, ele também pode ser lido por adultos e pesquisadores, já que é rico em símbolos e permite aos seres pensantes analisar as entrelinhas e ver o que está por trás de cada movimento existente na história. Pois, como aborda Oliveira (2010, p. 44), “[...] muitas outras narrativas que, às vezes, podem parecer infantis, divertidas ou absurdas, na realidade, carregam uma significativa herança de sentidos ocultos.

Além disso, o autor do livro APM não busca apenas reproduzir valores morais e pedagógicos, mas alargar a aprendizagem dos leitores, isto é, agregar as noções de incentivo ao ato de ler.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

No ano letivo de 2017, a coordenação de uma escola do município de Arapiraca, juntamente com os professores de língua portuguesa viram a possibilidade de realizar um projeto com as turmas do fundamental II com a utilização dos gêneros textuais, de maneira que cada turma ficaria com um gênero distinto para ser trabalhado e, por fim, ocorreria a culminância do projeto no pátio da escola.

Vale frisar que esse trabalho foi realizado no turno matutino por duas professoras de língua portuguesa com auxílio dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que atuavam na escola. Os gêneros escolhidos foram: crônica, fábula, paródia, conto, poesia, música, literatura de cordel, entre outros. No entanto, nesse artigo enfastiou-se apenas o conto.

Esse gênero foi escolhido para ser trabalhado em uma turma de 8º ano do ensino fundamental II da rede pública do município de Arapiraca como mecanismo educacional para atividades de leitura, compreensão e produção textual.

Como procedimento metodológico, acerca desse gênero, foi feito um levantamento bibliográfico de livros paradidáticos, e a obra escolhida foi a Alice no país das maravilhas pelas bolsistas do PIBID e a professora supervisora do referido programa (atuante em sala de aula) na perspectiva de uma abordagem qualitativa.

Posteriormente, dividiu-se o projeto em quatro etapas. Primeiramente, foi apresentado para a turma o gênero proposto, sendo que a princípio houve uma sondagem acerca do que os discentes sabiam sobre ele, e exposto o livro para ser lido pela turma. A classe se mostrou entusiasmada com o projeto e demonstrou apreço pelo livro Alice no país das maravilhas, pois muitos alunos já tinham lido e já conheciam a história, e, por sinal, segundo eles, era uma história maravilhosa. Em seguida, fez-se uma explanação sobre as características do gênero literário conto para um melhor entendimento acerca dessa temática.

Na segunda etapa, pediu-se aos alunos que lessem a citada obra em casa, pois na escola não teriam tempo suficiente. Sendo que o acesso à leitura se daria por meio da internet ou através dos livros contidos na biblioteca da escola, já que ela tinha alguns deles.

No decorrer da leitura indicada, as bolsistas em conjunto com a professora regente realizavam atividades relacionadas à obra para observar se os alunos realmente estavam lendo como solicitado.

Após um mês, a professora realizou uma discussão em sala de aula sobre o que Lewis Carroll, autor da obra Alice no país das maravilhas, queria transmitir para os adolescentes nos dias atuais. E, posteriormente, pediu que eles relatassem suas opiniões por escrito e as entregassem.

Na terceira etapa, a professora solicitou que os alunos produzissem um texto criando um outro fim para a história. Pois, quando se lê textos e, se reescreve outro texto, baseado no que foi lido, ocorre a possibilidade de uma reflexão acerca da ação de forma mais eficiente e possivelmente uma visão crítica e mais ampla de mundo. “Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN, 2006, p.126). Partindo dessa mesma concepção de leitura como prática interativa, Kleiman (1989, p.13) corrobora com Bakhtin (2006) e com Koch & Elias (2013) dizendo que

a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza a leitura do que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor justamente utiliza diversos níveis de conhecimentos que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

A partir desses pensamentos, percebe-se que é na relação leitor e autor que se constrói os sentidos do texto, situação em que o leitor demonstra suas experiências de leituras anteriores, seus conhecimentos de mundo, linguístico e textual.

Em seguida, para finalização do projeto, alguns alunos da turma do 8º ano explicaram no pátio a importância do gênero conto e dramatizaram a obra Alice no país das maravilhas trabalhada em sala, já que esse livro promove a imaginação, a criatividade e permite ao leitor a se reconhecer com o protagonista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos resultados dessa experiência vivenciada com a obra de Alice no país das maravilhas, pode-se afirmar que o trabalho com o conto em sala de aula contribui para formação de leitores e no processo de desenvolvimento da escrita, de forma que o texto literário torna algo prazeroso e motivador para o aluno.

Os resultados desse trabalho, em sua maioria, foram bastante satisfatórios. Uma vez que, os alunos mostraram-se engajados em realizar as atividades propostas em sala, bem como na leitura do livro proposto, demonstrando em suas produções textuais, um bom rendimento e empenho na leitura desse gênero literário.

A colaboração dos alunos participantes se deu de forma bastante eficiente, efetiva e ativa, o que facilitou o desenvolvimento das ações do projeto. Pois, muitos que não tinham a prática de ler, demoraram um pouco mais na atividade proposta, mas conseguiram finalizar com carisma e demonstrando vontade de aprender. Logo, isso mostrou que os livros infanto-juvenis podem ser um poderoso dispositivo para que os alunos despertem o gosto pela leitura e possivelmente uma melhor escrita.

Assim sendo, a literatura juvenil pode auxiliar no processo de construção do conhecimento de forma satisfatória, proporcionando o desenvolvimento de capacidades transportáveis a outros textos existentes no contexto sócio cultural e, eventualmente, no aprimoramento da leitura e da escrita.

CONCLUSÃO

Após algumas pesquisas bibliográficas com fichamentos, bem como a realização do projeto em questão na escola com os gêneros textuais, percebe-se que quando as leituras utilizadas em sala ou extra sala fazem parte do contexto dos alunos e da sua vida social há uma interação maior por parte dos discentes e conseqüentemente, o aprendizado ocorre de forma espontânea e prazerosa.

Página | 564

Nessa perspectiva, o conto Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll, especificamente, pode ser um aparato na contribuição da formação de leitores e no processo de desenvolvimento da escrita. Já que, essa obra contempla algumas características que os adolescentes possuem e as quais lhes são comuns, como: problemas com o tamanho, identidade, medo e questionamentos. Destarte, Carroll consegue retratar de maneira cômica a vida das crianças e dos jovens, promovendo dessa maneira, uma identificação do mundo imaginário com acontecimentos reais. Ocorrendo de fato, uma integração entre o leitor e os personagens da obra descrita.

Portanto, o gênero conto pode ser importante ferramenta no contexto educacional, principalmente nas aulas de língua portuguesa, pois além de ser uma narrativa curta, promove a imaginação, a criatividade e apresenta situações possíveis, ainda que fictícias.

REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
2. _____. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
3. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa de 5ª a 8ª série do 1º grau. Brasília: MEC/SEE, 1998. 139 p.
4. CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas. São Paulo: Martin Claret, 2007. Título original em inglês: Alice's Adventures in Wonderland (1866).
5. CARROLL, Lewis. As aventuras de Alice no país das maravilhas. Introdução e notas Martin Gardner. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

6. DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Revista Brasileira de Educação, ANPED, n. 11, p. 5-16, mai/jun/jul/ago 1999.
7. GOTLIB, Nádia Battella. Teoria do Conto. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 1990.
8. GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2011.
9. KLEIMAN, A. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
10. KOCH, I. V., ELIAS, M. V. Ler e compreender: os sentidos do texto. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
11. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al.(org.) Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
12. _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
13. _____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
14. OLIVEIRA, Patrícia Sueli Teles de. A contribuição dos Contos de Fadas no processo de aprendizagem das crianças. 2010. 62 f. Graduação - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.
15. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2008.
16. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 3 - TP3: gêneros e tipos textuais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
17. ROJO, Roxane. Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2002.
18. TALAMONI, Daniela. A leitura na pré-adolescência, 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa/praticapedagogica/passagem-so-ida>>. Acesso em: 13 agosto 2018.
19. TAVARES, Hênio Último da Cunha. Teoria Literária. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.